

O corpo como meio de comunicação intercultural

Uma análise da história de menores estrangeiros não acompanhados na Europa a partir do pensamento de Boris Cyrulnik¹

Rosa Maria Martins Silva

Mestranda em jornalismo pela Fundação Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o corpo como meio indispensável para a comunicação intercultural e elemento fundamental para a integração do indivíduo em situação de distanciamento da própria pátria, especificamente os menores estrangeiros não acompanhados que perderam os vínculos com seus familiares. Neste caso, o corpo do outro que acolhe se torna indispensável para a integração no novo ambiente. O artigo se desenrola a partir do diálogo com os pensadores, Boris Cyrulnik, Bárbara Rogoff, Baitello, unindo histórias de vida de menores estrangeiros não acompanhados da cidade de Lucca, na Itália.

Palavras-chave

Menores estrangeiros; Refugiado; Corpo; Comunicação.

O êxodo infantil de acordo com dados da ONU

Desde os anos 90, a Europa, principalmente a Itália, tem sido o principal destino de menores estrangeiros vindos de países da África, e da Ásia. Eles deixam seus países de origem por situações de guerra, autoritarismos ou perseguições políticas. Por conta dessa situação, nos últimos anos, surgiram na Itália discussões e questionamentos, inclusive de cunho racista e xenofóbico. Com muita frequência, os jornais de grande circulação como La Republica e Corriere della Sera publicam matérias de cunho negativo sobre os migrantes.

Um relatório feito pelo Unicef² e divulgado em maio de 2017 revelou que pelo menos 300 mil crianças desacompanhadas e separadas de suas famílias foram registradas

¹ Trabalho a ser apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Nos últimos dois anos, 200 mil crianças pediram refúgio, sozinhas, em 80 países. Segundo o UNICEF, no mesmo período, 100 mil menores desacompanhados foram presos na fronteira entre os Estados Unidos e o México. Também

em cerca de 80 países entre 2015 e 2016, contra 66 mil entre 2010 e 2011. O relatório também indicou que 200 mil crianças desacompanhadas pediram asilo em 80 países entre 2015 e 2016; 100 mil crianças foram presas na fronteira entre os Estados Unidos e o México entre 2015 e 2016; 170 mil pediram asilo na Europa durante o mesmo período e que crianças desacompanhadas e separadas de suas famílias representaram 92% de todas as crianças que chegaram à Itália por mar em 2016. No total, as crianças representam aproximadamente 28% das vítimas do tráfico global; a África ao sul do Saara e a região da América Central e do Caribe têm a maior proporção de crianças entre as vítimas de tráfico – 64% e 62%, respectivamente, e até 20% dos contrabandistas têm ligações com redes de tráfico de seres humanos.

Ainda de acordo com informações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados de setembro de 2017, mais de 3,5 milhões de crianças no mundo, entre 5 e 17 anos, não têm acesso à escola. Isso significa que cerca de 1,5 milhão de crianças em situação de refúgio não frequentou o Ensino Fundamental, da mesma forma que 2 milhões de adolescentes refugiados também não tiveram acesso ao Ensino Fundamental.

Para tratar da importância do corpo e dos sentidos na adaptação e integração do menor estrangeiro numa cultura diversa, por ser um meio de comunicação e com base no pensamento do neurologista e pesquisador Boris Cyrulnik, faremos um recorte na cidade de Lucca, na região da Toscana, Itália, que apresentou, nos últimos cinco anos, um número significativo de menores não acompanhados originários da Albânia, Síria, Afeganistão, Chad, Angola, Geórgia, Guiné Bissau e Conacri, dentre outros.

Analisaremos os casos específicos do georgiano Manuchar Beridze e do guineense Mamadou Konate que chegaram, sozinhos, em Lucca, enquanto ainda eram menores de idade em busca de melhores condições de vida.

no biênio 2015-2016, 170 mil adolescentes, meninos e meninas solicitaram asilo na Europa sem a companhia dos pais ou outros responsáveis. ONU. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unicef-300-mil-criancas-refugiadas-e-migrantes-viajaram-desacompanhadas-em-2015-2016/>> Acesso em: 14.11.2017

“Me chamo Manuchar Beridze³ (pronúncia: má nu t’iar) e tenho 18 anos. Saí da Georgia aos 15 anos e fiquei um curto período de tempo na Grécia com minha irmã. Não me adaptando lá, decidi vir para a Itália. Tive muita dificuldade para chegar em Lucca, porque não sabia falar a língua italiana e nem as pessoas daqui falavam nem francês, nem inglês e, muito menos, o georgiano. Me lembro que quando cheguei na estação de trem disse que queria vir para Lucca, (eu tinha apenas 15 anos), mas não me compreendiam. Me lembro de um senhor que se compadeceu de mim e fez gestos me chamando para aproximar. Pegou um pedaço de papel e desenhou o caminho que eu deveria fazer para chegar a Lucca. E assim eu fiz. Não posso me esquecer daquele senhor.

Quando cheguei na casa de acolhida, encontrei as Irmãs que me ajudaram. Duas destas freiras me marcaram muito: Irmã Bárbara uma esplêndida Irmã, de um coração muito grande e Irmã Ana, na qual encontrei uma irmã, uma mãe e um avó que foi minha fortaleza do ponto de vista emocional, porque ela me compreendia, era muito disponível. Coisas simples que ela fazia me deixavam feliz, como, por exemplo, arrumar minha gola, dobrar a minha calça, me dar atenção, afeto e amor. Ela era um pouco, a base de tudo⁴. ”

“Eu me chamo Mamadou Konate⁵ e vim da Guiné. Tenho 17 anos e estou há seis meses aqui. Para chegar em Lucca, passei pelo deserto do Saara. Na Líbia as coisas não vão bem, porque eles são maus, feios, não são gentis. Cheguei em Reggio Calabria com a ajuda da guarda costeira. Permaneci aqui para estudar, mas quero voltar para o meu país. Falo com meus pais todos os dias pela internet. Ricardo⁶ é como um pai para mim. Ele me ajuda a ir na escola, me ajuda em tudo. Eu ensinei o Ricardo a fazer arroz, ‘*café di gengero*’ (risadas), tanta coisa. E o Ricardo me ensina a fazer a pasta italiana⁷.”

A história de vida de Mamadou e Manuchar nos remete ao pensamento de Boris Cyrulnik a partir da temática do corpo, fundamental para o estabelecimento do ser humano como tal no espaço universal. A dimensão corpórea é fundamental para se inserir

³ *Manuchar* é um garoto georgiano que vive ainda hoje na casa de acolhida “*Gruppo Accoglienza Immigrati*” (GVAI), em Lucca, na Toscana.

⁴ Tradução nossa da entrevista em italiano.

⁵ Mamadou Konate é natural da Guiné Bissau. Vive na Casa de Acolhida “*Odissea*”, em Lucca, Itália.

⁶ Ricardo *Pensa*, a quem o garoto faz referência é educador, voluntário, na casa de acolhida a menores ‘*Odissea*’, em Lucca-Toscana- Itália.

⁷ Tradução nossa da entrevista em italiano.

na realidade e estabelecer relações de comunicação e convivência com o meio ambiente e as pessoas.

O corpo conta com uma variedade de sentidos: visão, audição, olfato, etc. O paladar e o tato, partes do sistema sensorial, são responsáveis por enviar as informações obtidas para o [sistema nervoso](#) central. Esse, por sua vez, analisa e processa a informação recebida, tem uma função fundamental para as relações interculturais, para o diálogo, de maneira específica, no caso de menores estrangeiros não acompanhados que perderam os vínculos familiares e se introduziram numa nova forma de se comunicarem e criarem relações de sobrevivência. Para o cientista da comunicação Harry Pross, (*apud* BAITELLO JUNIOR, 2008, p.95), “toda comunicação começa no corpo e nele termina”.

É o corpo que permite ao ser humano em geral, nesse caso àqueles que se veem numa situação extrema de imigração ou refúgio, reconstruir sua história, por meio de experiências vivenciadas, que se dão nas experiências sensoriais (tato, olfato, visão, paladar, gestos, etc.).

O encantamento do mundo é um produto da evolução: os animais são enfeitiçados quando percebem sensorialidade de um outro, o odor, a cor, a postura, que os governa servindo-se dos cinco sentidos. E os homens, única espécie que possui seis sentidos, vivem no duplo encantamento dos sentidos e do sentido que a historicidade cria. Nunca vemos o mundo dos outros, mas representamo-lo pelos sinais das palavras e dos seus gestos, que enfeitiçam ainda mais (CYRULNIK, 1997, p.8).

São as transformações sociais, biológicas, culturais, e sociais que vão ocorrendo ao longo do tempo que levam o indivíduo a fazer novas experiências, se adaptar e se inserir em uma nova cultura, aprender uma nova língua, se engajar numa nova realidade, etc. Por isso, Boris Cyrulnik chama o corpo humano de “corpo vivo”, um corpo capaz encantar-se, enfeitiçar-se com o novo.

O pensador também afirma que, mudando ou não de ambiente, o corpo estará disponível para receber informações diversas, como se o meio mudasse.

O corpo, visto que é vivo, nunca é passivo dentro do meio estruturado. O desenrolar de um processo biológico, do nascimento à morte, indica que um organismo não para de procurar aquilo que, para ele será acontecimento. Não é, pois, sensível às mesmas informações de acordo com a fase da sua evolução. O que significa que, mesmo se nada mudar no meio ambiente, o simples desenrolar de um processo biológico torna o corpo sensível a informações diferentes, de tal forma que tudo se passa como se o meio mudasse. Um mesmo corpo não vive no mesmo meio em todas as fases da evolução individual. (CYRULNIK, 1997, p.12)

Essa premissa nos remete a pensar nas variadas possibilidades de mudança e conhecimento que poderá adquirir um indivíduo que se coloca obrigatoriamente em situação de deslocamento contínuo. É essa dinamicidade do corpo, sempre aberto a aprender que favorecerá a possibilidade ou não de adaptação ao novo.

Com apenas 15 anos, o georgiano Manuchar, partiu da sua terra rumo à Itália com disposição e abertura para aprender e se ajustar a um novo ambiente. A audição, o tato, o olfato e a visão foram elementos sensoriais indispensáveis para ajudá-lo, enquanto ainda indefeso e vulnerável, a chegar ao destino desejado e se adaptar a uma nova cultura. Ele mesmo narra:

Me lembro que quando cheguei na estação de trem disse que queria vir para Lucca, (eu tinha apenas 15 anos), mas não me compreendiam, não falavam minha língua, o georgiano, nem inglês, nem francês. Me lembro de um senhor que se compadeceu de mim, fez gestos me chamando para aproximar. Pegou um pedaço de papel e desenhou o caminho que eu deveria fazer para chegar a Lucca. E assim eu fiz. Não posso me esquecer daquele senhor⁸.

Ao chegar em uma terra estranha, sem nenhuma referência, Manuchar foi desafiado a expressar seus sentimentos, a comunicar o desejo de chegar ao destino e, precisou fazê-lo, de maneira elaborada, organizada para se fazer entender. Nesse sentido, Boris afirma que:

A evolução elaborou um conjunto de comportamentos, de gritos, de posturas e de gestos que permite a cada animal moldar o seu comportamento social. A ordem reina muito antes da verbalidade, mas é governada pela maneira com que os corpos exprimem as emoções (CYRULNIK, 1997, p. 26)

As primeiras experiências de vínculos com outras pessoas se dão após o nascimento no colo da mãe, segundo Cyrulnik. Dado à luz, a primeira experiência externa do ser humano será o mamilo da mãe. É por meio dele que se criam os primeiros vínculos, que ele começa a explorar o novo mundo ao seu redor. Com o passar do tempo, a tendência é a ampliação de elementos que formarão o seu mundo fora do vínculo com a mãe.

⁸ Manuchar, menor estrangeiro não acompanhado da casa de acolhida GVAI – Gruppo Accoglienza Immigrati – Lucca – Toscana- Itália.

No pequeno homem, o processo de afastamento ou de triangulação está no auge, pois, durante a ontogênese, o bebê passa, em poucas semanas, da orientação para o mamilo, que dá o leite, à percepção de uma figura de apego, que dá o alimento. Ainda vai precisar de alguns anos para encenar a ficção que consiste em brincar às refeições com a mãe, uma outra criança ou boneca. Dois decênios mais tarde, utilizará esta pulsão e teatralizá-la-á ao convidar uma pessoa para jantar (CYRULNIK, 1997, p. 33).

Desse modo, a boca se torna um dos primeiros veículos de comunicação do ser humano com o mundo, que se dá por meio do fenômeno da amamentação. É uma das primeiras formas que a criança encontra para começar a explorar o mundo ao seu redor.

É na região que cerca a boca que o embrião humano responde pela primeira vez a uma estimulação tátil. Portanto, não surpreende descobrir que as primeiras comunicações com o mundo de fora sejam realizadas pelo bebê, através dos lábios e que isto seja feito de modo tão graduado. Está demonstrado que estimular o recém-nascido na região do lábio desencadeia a reflexão de orientação oral, ou se, abrir a boca e girar a cabeça em direção do estímulo. Isto acontecerá quando somente um dos lábios foram estimulados unilateralmente. Quando ambos forem estimulados ao mesmo tempo, acontecerá o componente de prensão do estímulo, mas cessa a rotação de orientação e se inicia o movimento sucção. Normalmente este estímulo é o mamilo e a seguir a auréola do seio materno. Esta conduta de esquadrihar, como se diz – quer dizer, procurar com o nariz e a boca até encontrar o seio –, acontecerá daí por diante toda vez que o bebê for posto em contato com o corpo da mãe ou com qualquer coisa que lembre seu seio (MONTAGU, 198, p. 124).

De acordo com o pesquisador Waldemar Antônio da Silva Júnior da Universidade do Rio Grande do Norte,

A boca, principalmente em seus hábitos alimentares, constrói no sujeito um campo sensorial que permite o aparecimento dos laços afetivos com o seu semelhante, assim como a cultura, que simbolizam encontros oportunos de convivência, por exemplo, durante as refeições diárias (SILVA JÚNIOR, 2014, p. 31).

Por isso, quando sentados na sala de TV da casa de acolhida Odisseia, em Lucca, Mamadou fez referência ao educador, Ricardo, ao falar sobre o prazer que lhes causava cozinhar um para o outro, me dei conta do quanto é importante a comida para a criação de vínculos e adaptação a uma nova cultura.

A expressão de Mamadou “eu ensinei o Ricardo a fazer arroz”, “*café di gengero*” (risadas), tanta coisa”, e, “o Ricardo me ensina a fazer a pasta italiana”, revela uma abertura em direção do outro, do novo, carregada da necessidade de criar vínculos por amizade, tanto por necessidade, ou até mesmo pelas condições nas quais se encontra o menor ou o educador. Fato é que, tomar o “*café di gengero*” de Mamadou ou comer a

pasta italiana do Ricardo, são atitudes que vencem barreiras de pré-conceitos, de não aceitação e abre possibilidades de inserção e integração a uma nova cultura.

A comida pode ser vista como um importante meio para se comunicar valores, sentidos e identidades. Comer é um ato simbólico que não está restrito à necessidade de se suprir nutrientes. As profundas transformações em nível global vêm alterando profundamente os padrões alimentares; a intensificação das trocas culturais, reconfigura os repertórios alimentares e também o seu consumo. Neste contexto, assim como um elemento-chave para a constituição de identidades, a comida pode ser pensada como um meio de comunicação (ROCHA, 2010, p.4).

Cria-se, a partir da pasta italiana ou do arroz e café africanos, uma sensação agradável de amizade, de cumplicidade e de respeito, entrelaçadas e criadas a partir do ritual, dos gestos, do tato, do olfato, da visão e do paladar. Um vínculo forte, sincero, gerado a partir do corpo e seus sentidos.

Essas relações criadas a partir do paladar darão formas a uma comunicação proativa que favorecerá as relações entre educador e adolescente e vice-versa. Com base nisso, o pesquisador José Ângelo Gaiarsa afirma que:

A simples presença do corpo desencadeia processos de interação e vinculação com o meio e com os seres à sua volta. Enquanto ser social, o que o outro está vendo em mim e o que sou eu para ele, assume uma importância fundamental, já que precisamos do outro, que nos serve como espelho próprio, dada a nossa necessidade inata de vinculação (GAIARSA, 1995).

Outros elementos fundamentais para a criação de vínculos entre menores estrangeiros e as pessoas que os acolhem parece ser o elemento corpóreo-sensorial, o tato, a audição e a visão. A atenção expressa na escuta, no toque, no olhar das educadoras que cuidavam de Manuchar geraram nele a confiança e certeza de que ele não estava só, que ele estava seguro, mesmo em terra estrangeira, porque havia encontrado alguém que lhe amava e fazia papel da mãe.

Quando cheguei na casa de acolhida, encontrei as Irmãs que me ajudaram muito. Duas destas freiras me marcaram muito: Irmã Bárbara uma esplêndida Irmã, de um coração muito grande e Irmã Ana, na qual encontrei uma irmã, uma mãe e um avó que foi minha fortaleza do ponto de vista emotivo, porque ela me compreendia, era muito disponível. Coisas simples que ela fazia me deixavam feliz. Por exemplo, arrumava a minha gola, me abraçava, dobrava a minha calça, me dava atenção, afeto e amor. Ela era um pouco, a base de tudo. Até hoje me comunico com Irmã Ana (sorriso)⁹.

⁹ *Manuchar*, menor estrangeiro não acompanhado, natural da Geórgia. *Manuchar* chegou em 2013, na cidade de Lucca, sozinho, com apenas 15 anos. Entrevista feita por Rosinha Martins em fevereiro de 2016, na Casa de Acolhida aos Imigrantes (GVAI), na cidade de Lucca, na Itália.

No ato de acolher Manuchar, as educadoras se puseram no exercício de preencher um vazio causado pela ausência da mãe e seus familiares. E novos laços se criaram gerando segurança. Para Baitello Júnior (2008), são os ambientes afetivos marcados pelo excesso, pela carência e pela negação que dão origem aos vínculos. O comportamento misterioso e enigmático dos corpos é que desperta a possibilidade do vínculo, quando abertos à escuta um do outro.

A psicóloga cultural, Barbara Rogoff, salienta que:

As diferenças culturais geralmente consistem em variações em temas de natureza universal, em diferentes ênfases ou valores atribuídos a certas modalidades de aprendizagem que mudam de país para país, no entanto, todas as crianças aprendem assistindo ou participando diretamente de atividades sociais (ROGOFF, 2004, p. 60)¹⁰.

Manuchar ainda relatou, que foram as educadoras que o ajudaram a aprender o italiano. Elas usavam o método da associação, com materiais da cozinha, como garfos, facas, etc. “Ela pegava o garfo e dizia: ‘forchetta’, repita comigo: ‘forchetta’, ou calça: ‘pantaloni’. Dessa maneira fui me introduzindo na nova cultura e aprendendo a língua”.

Neste sentido, Cyrulnik vai dizer que:

Para um filho de homem, tentar a aventura da palavra é antes de tudo uma maneira de encontrar, uma maneira de fazer gestos, mímicas e vocalizações que possibilitem amar, trocar afetos e agir sobre a pessoa amada. Adquirir uma língua é aprender um código, mas é sobretudo, ocupar seu lugar afetivo numa cultura já estruturada por essa língua (CIRULNIK, 2007, p.72).

De fato, o aprendizado da nova língua tem um lugar também efetivo no processo de integração do estrangeiro. Na maioria dos casos, o primeiro passo a dar quando se chega em um novo país é o aprendizado da língua, fundamental para a comunicação, para a inserção no mercado de trabalho, para a resolução dos mais variados problemas como de saúde, de estadia, de satisfação das necessidades básicas.

Um outro aspecto que a dimensão corpórea evidencia são os estereótipos relacionados à cor, etnia e país de origem. Trago na lembrança um fato que me marcou:

¹⁰ Tradução nossa. No original: *Le differenze culturali consistono, generalmente, in variazioni su temi di carattere universale, in diversa enfasi o valori accordati a determinate modalità di apprendimento che cambiano di paese in paese, tuttavia tutti i bambini apprendono assistendo o partecipando direttamente alle attività sociali* (ROGOFF, 2004, p. 60).

Durante as entrevistas, em uma das casas de acolhida, no vilarejo de Porcari, distrito de Lucca, sentada em uma roda, com menores estrangeiros não acompanhados de Bangladesh, Albânia, Chad, Síria, um menor africano sussurrou em meu ouvido e me perguntou: “Por que os italianos não gostam de negros?” Confesso que as palavras não me vieram à boca, meus lábios ficaram imóveis, os olhos em lágrimas e o coração partido¹¹.

Ou seja, a diversidade de tons da tez do corpo, é, ainda no século XXI empecilho para a criação de vínculos interculturais saudáveis e merece um estudo mais aprofundado. A esse respeito, Cyrulnik enfatiza:

A não ser que uma cultura invente um bom código, aquele em que o homem ainda pode se exprimir, falar e governar sem destruir o próximo. Esse código tem um nome: tolerância. É preciso aprender a se descentrar do próprio pensamento, admitindo não haver apenas uma maneira de ser humano. Pois, enquanto desprezamos os outros, oscilaremos entre a violência da desordem e a de uma única ordem (CYRULNIK, 2007, p.143).

Os estereótipos e preconceitos podem interferir de maneira decisiva na relação entre quem acolhe e quem chega em um país estrangeiro. A comunicação se dá, porém com algumas interferências.

Considerações Finais

A modo de conclusão, podemos argumentar que o fenômeno da imigração com suas características próprias como a saída em massa de crianças em tenra idade em busca de melhores condições de vida em outros países, alerta para a reflexão sobre a importância da criação de vínculos positivos para o bom desenvolvimento e as boas relações interculturais. É preciso criar ambientes que propiciem o estabelecimento de vínculos, porque é deles e a partir deles que vivemos, movemos e somos enquanto indivíduos. Saber acolher é a garantia de uma boa inserção num ambiente social diverso.

A criança e o adolescente, de maneira geral, trazem consigo uma facilidade maior de aprendizado, de se adaptar ao novo, o que também propicia a formação de vínculos duradouros. Corpos abertos ao encontro permitem a comunicação, o que facilita o processo de adaptação e integração num ambiente pluricultural e multiétnico. Por outro lado, os educadores são desafiados a se deixarem moldar por esse novo contexto no qual

¹¹ Expressão de Rosinha Martins, que entrevistou, em Lucca, os menores estrangeiros não acompanhados.

a presença de estrangeiros é uma realidade. Vínculos positivos só podem ser criados e fortalecidos por meio da abertura e cumplicidade.

REFERÊNCIAS

CIRULNIK, B. **Do sexto sentido:** o homem e o encantamento do mundo. Lisboa. Editora Odile Jacob, 1997.

_____, B. **Os alimentos afetivos.** Tradução Claudia Berliner. 2ª Ed. São Paulo. WMF. Martins Fontes, 2007.

GAIARSA, J. A. **O que é corpo?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

JÚNIOR, W. A. d. S. **Corpo e aprendizagem em Boris Cyrulnik e Marleau-Ponty.**

Disponível em: <

https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14627/1/ValdemarASJ_DISSERT.pdf >.

Acesso em: 19.01.2018.

MIMURA, V. A. **O corpo como texto e como mídia.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2086-1.pdf> >. Acesso em: 01.02.2018

MONTAGU, A. **Tocar o significado humano da pele.** Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto). São Paulo. Summus. 1988.

ROCHA, C. P. V. d. **Comida, Identidade e Comunicação:** a comida como eixo estruturador de identidades e meio de comunicação. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-carla-comida-identidade-e-comunicacao.pdf> >. Acesso em: 30.01.2018.

ROGOFF, B. **La natura culturale dello sviluppo.** Milano: Raffaello Cortina, 2004. Disponível em:< http://www.univr.it/documenti/AllegatiOA/allegatooa_7964.pdf >. Acesso em:31.01.2018.